



PERSPECTIVAS
REVISTA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FILOSOFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS

VOL. 6, Nº 2, 2021, P. 428-442
ISSN: 2448-2390

O dever do amor ao próximo para Kierkegaard

The duty of loving your similar to Kierkegaard

DOI: 10.20873/rpv6n2-21

Daiane Rodrigues Costa

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2007-2303>

Email: rodriguesdaiane14@yahoo.com

Resumo

O estudo apresentado aqui trata da investigação do conceito de amor para o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard. Nessa perspectiva, o devido conceito está relacionado ao mandamento cristão de amor ao próximo. Esclarecemos, portanto o sentido do “dever amar” e o “próximo” a quem se refere. A partir disso, observamos algumas críticas a essa noção de amor elaboradas pelo filósofo alemão Theodor Adorno, onde expõe a impossibilidade do amor ser um dever e de amar um sujeito que, a priori, não deve possuir rosto.

Palavras-chave

Amor; Kierkegaard; Dever; Próximo.

Abstract

The study here presented is about the love concept for the danish philosopher Søren Kierkegaard. In that perspective, the concept is related with the christian commandment of love of similar. We clarify the meaning of "duty to love" and the "similar" to whom it refers. We observe some criticism about this idea of love writings for Theodaor Adorno, german Philosopher. He demonstrates the impossibility of "love" being a duty and loving a faceless person.

Keywords

Love; Kierkegaard; Duty; Similar.

Mas o Cristianismo não é, de jeito nenhum, o “bem superior” da cultura, e o essencialmente cristão educa justamente através do choque do escândalo. Isso entenderás aqui imediata e facilmente; pois será que a tua cultura te ensinou, ou tu crês que o zelo de algum homem por conquistar a cultura já lhe ensinou a amar ao próximo?”
(KIERKEGAARD, 2003, p. 65).

I. Introdução

O conceito de amor foi objeto de investigação de muitos pensadores. Ele foi discutido por Sócrates e Platão no diálogo *O Banquete* compreendido, nele, como “carência”, foi abordado por Aristóteles enquanto *philia* (PAULA, 2018) e compreendido como fator de desejo e que movimenta à vontade para Agostinho. Esses são apenas alguns exemplos de como esse tema se desenvolveu ao longo da história da filosofia. Nesse caso, o objetivo do estudo aqui apresentado é compreender melhor a ideia de amor para o filósofo dinamarquês Søren Kierkegaard, que dedicou uma obra completa a esse tema (*As obras do amor*). A obra de Kierkegaard, sobretudo o texto que serviu de base para a produção de nossa investigação, está em estreita relação com o campo religioso. Ele procura esclarecer o entendimento a respeito do mandamento do amor, localizado em Mateus 22:37-39, onde lê-se “Ame o Senhor, o seu Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma e de todo o seu entendimento. Este é o primeiro e maior mandamento. E o segundo é semelhante a ele: Ame o seu próximo como a si mesmo”. Mas o que há de específico e diferente no “amor cristão”? Esclarecer essa questão e apresentar uma leitura crítica a ela é o objetivo principal de nosso texto. Para isso, recorreremos também a um dos anexos de *Kierkegaard*, texto escrito por Theodor Adorno.

Para melhor compreender o tema, o texto está dividido em duas seções. Na primeira, tratamos sobre o amor como uma prática cristã, balizada na eternidade e que conduz o ser humano a ela. Na segunda parte discorre-se sobre o mandamento “amar ao próximo como a ti

mesmo”. Nesse sentido, procuramos esclarecer quem é o “próximo” e porque Kierkegaard compreende o amor como “dever”. Nesse segundo tópico confrontamos as ideias de Kierkegaard com as críticas de Adorno e tentamos, na medida do possível, operar uma síntese entre os dois pensadores.

II. O amor como prática cristã

Kierkegaard, no começo de *As obras de amor*¹, tece uma certa crítica ao materialismo ao formular a ideia de que o amor se conhece pelos frutos. Trata-se de algo imaterial que, no entanto, podemos contemplar suas consequências. Em suas palavras: “Se tivesse razão aquela sagacidade presunçosa, orgulhosa de não ser enganada, ao achar que não se deve crer em nada que não se possa ver com seus olhos sensíveis, então em primeiríssimo lugar dever-se-ia deixar de crer no amor.” (KIERKEGAARD, 2003, p. 7). Assim, quem não acredita em coisas supra sensíveis pelo medo de ser enganado, já engana-se nesse próprio método, pois o amor é imaterial, mas, segundo o pensador, ninguém duvidaria que ele existe.

O engano de si mesmo sobre o amor é irreparável e diferente de enganar-se no amor. Quem engana-se no amor, envolveu-se com ele. Quem engana a si mesmo sobre ele, o perde. Essa impressão de Kierkegaard está intimamente relacionada com o seu cristianismo, sua vivência cristã. Para ele, quem ama, mas engana-se ao amar poderá ser recompensado na eternidade. Enquanto aquele que resolveu não amar perderá a eternidade. Nessa estreita relação entre filosofia e religião, ele aponta que: “Mesmo aquele que ao longo de toda sua vida foi enganado pela vida, pode receber da eternidade uma copiosa reparação; mas o que se enganou a si mesmo impediu a si mesmo de conquistar o eterno” (KIERKEGAARD, 2003, p. 8).

O amor é o critério, ou a balança que pesa e determina se o sujeito é merecedor da recompensa da eternidade ou não. Nesse caso, não importa seus enganos no ato de amar, mas

¹ O texto “As obras do amor” foi editado no ano de 1847, em Copenhague. No mesmo ano em que a ex-noiva de Kierkegaard, Regina Olsen, casa-se com Fritz Schlegel. “O livro de 1847 trata, portanto, do amor. Procura, como tudo o que Kierkegaard faz, comparar o Cristianismo com o Platonismo, distinguir o que é de Sócrates e o que é de Cristo, separar o que é do mundo e o que não pertence a este mundo. Na sua missão específica de ‘exumar os conceitos do Cristianismo’, soterrados pelo peso dos séculos e dos triunfos da cristandade.” (VALLS, 2000, p. 90).

sim, tem relevância apenas sua decisão de amar. O amor é aqui apresentado como o vínculo, o elo entre o temporal e o eterno. Pois ele existe, mesmo que de modo onde os seres humanos não o vivem plenamente, no mundo efêmero, e continua a existir, de modo perfeito, na eternidade, livre do fluxo de mudanças de um “mundo sensível”.

O amor permanece, mesmo sendo vivido de modo diferente na eternidade e na vida temporal. Por isso, Kierkegaard assim aponta: “o que se enganou a si mesmo crê talvez até poder consolar outros que foram vítimas do engano da infidelidade; mas que loucura, se aquele que já sofreu dano no eterno quer curar aquele que no máximo está doente para a morte!” (KIERKEGAARD, 2003, p. 9). Assim, sabe mais sobre o amor quem já se enganou ao tentar amar do que aquele que nunca amou.

Kierkegaard refere-se nesta última citação àqueles que renegam o amor na realidade terrena e pensam encontrar nisso a felicidade verdadeira. Creem, inclusive, poder consolar quem se decepciona ao amar e não ser correspondido ou amar e conquistar apenas a infidelidade. No entanto, nessa perspectiva, quem alcança a verdadeira felicidade é aquele que ama, mesmo em um caminho de erros de tropeços, pois este torna-se merecedor da eternidade.

O pensador dinamarquês alerta para o amor que pelos seus frutos demonstra-se apenas uma aparência. Pode acontecer de alguém dizer que ama, mas na realidade, apenas engrandece seu ego, pensa apenas em si e não leva em consideração o outro em sua vida. É necessário lembrar que para nosso pensador o amor vive ocultamente e sua existência se conhece através de seus frutos. Assim, Kierkegaard utiliza a metáfora dos frutos do evangelho de São Mateus (7, 17), onde lê-se que “por seus frutos os conhecereis. Porventura colhem-se uvas dos espinheiros, ou figos dos abrolhos?”.

Sobre a origem do amor, Kierkegaard esquivava-se da resposta. Para ele, o amor surge de algum lugar que está oculto dentro do ser humano. Bastaria saber que o amor humano é uma parte do amor incondicional e profundamente inacessível em sua totalidade, do amor de Deus. Ele contenta-se com o mistério e não quer teorizá-lo, mas vivê-lo. Na metáfora do pensador dinamarquês, o amor é um lago que se encontra calmo na superfície, mas que no fundo tem

correnteza por causa de sua fonte que não cansa de emanar para fora de si mais água para sustentá-lo. Sondar o mistério da fonte (origem) do amor é ignorá-lo em sua prática². (KIERKEGAARD, 2003).

Apesar de ser irreconhecível a origem do amor, é possível conhecê-lo pelos frutos que ele gera. Mostrar seus frutos é uma consequência necessária para ele, assim como a planta que cresce e mostra a todos seu desenvolvimento. O amor, portanto, é conhecido pelos frutos, isto é, por ações concretas e não simplesmente por palavras que podem enganar.

O Apóstolo João diz (1 Jo 3, 18): ‘Filhinhos, não amemos com palavras nem com a língua, mas com obras e em verdade.’ E com que deveríamos melhor comparar este amor das palavras e das maneiras de falar, senão com as folhas das árvores; pois também a palavra e a expressão e as invenções da linguagem podem ser um sinal para o amor, mas um sinal incerto. A mesma palavra pode ser, na boca de alguém, tão rica de conteúdo, tão confiável, e na boca de um outro ser como o murmúrio indeterminado das folhas (KIERKEGAARD, 2003, p. 14).

A palavra/linguagem têm um sentido dúbio. Ela pode tanto comunicar algo de verdadeiro, o amor em sua forma mais plena e genuína, como pode ludibriar e enganar ao fingir amar, quando na prática isso não acontece. Todavia, a linguagem não possui, por si, um sentido enganoso. Pelo contrário, Kierkegaard recomenda expressar o amor em palavras quando este é sentido verdadeiramente. Nesse caso, o silêncio seria ofensivo para o amado (a). É preciso, aqui, recordar o que se fala no evangelho de Mateus, que “[...] a boca fala do que está cheio o coração” (MT, 12, 34). O que nosso filósofo aponta é que a palavra não pode ser o único fruto do amor. O amor pode ser reconhecido pelos frutos, mas nem toda ação que aparenta amor é movida por este. Nesse caso, é necessário entender a ação, de que maneira ela é feita e o que o motivou fazer.

² Essa ideia de Kierkegaard lembra a filosofia de Plotino, nas *Enéadas*. Para esse pensador neoplatônico, tudo deriva de uma realidade única – o *Uno*. Uma parte do uno projeta-se para fora de si a a partir dela surge o *Nôus*, o puro pensar. Ocorre com essa última realidade o mesmo que ocorreu com o *Uno*. O que sai do *Nôus* torna-se uma realidade aparte, mas em constância relação com a realidade da qual procede. Forma-se então a alma, que é dividida entre a alma enquanto unidade em si, a alma do mundo e a alma que anima os seres vivos. Recordamos dessa teoria filosófica para entender melhor o que Kierkegaard afirma a respeito do amor, visto que Deus pode ser comparado com o *Uno* é dele emana o amor que anima o mundo. E assim como o *Uno* em nada perde de sua substância ao originar todas essas realidades (COSTA, 1999), Deus também perde sua substância ao ser a fonte do amor para o mundo efêmero.

Ai, consta que Lutero disse que em nenhum momento de sua vida teria orado sem ser perturbado por algum pensamento que o distraísse; igualmente o homem sincero reconhece que ele, por mais que tenha dado esmolas e muitas vezes de boa vontade, até com alegria, jamais entretanto terá dado sem alguma fraqueza, talvez perturbado por uma impressão casual, talvez com uma predileção fruto de um capricho, talvez para se livrar, talvez olhando para o lado, mas não no sentido bíblico; talvez sem que deixasse a mão esquerda saber o que ocorria - mas por irreflexão; talvez pensando na sua própria tristeza - mas não na do pobre; talvez procurando seu alívio no fato de dar uma esmola - em vez de querer aliviar a miséria: de modo que a obra de caridade não teria sido afinal no sentido mais alto uma obra do amor” (KIERKEGAARD, 2003, p. 16).

Dessa forma, poderíamos indagar se, de alguma maneira segura, é possível conhecer o amor. Uma vez que este não se manifesta necessariamente pela palavra ou pela ação, que pode ser motivada por diversos fatores. Parece que o amor fica inacessível ao conhecimento humano, a não ser que pudéssemos adentrar a mente e as intenções de cada pessoa que age ou não motivada por ele. Por isso, Kierkegaard recomenda que a maior preocupação seja o amor e não o reconhecimento deste através de seus frutos. Quem preocupa-se apenas com o reconhecimento, o amor já não é mais sua motivação principal no agir.

Além disso, cada “árvore” deve atentar para os seus frutos e não para frutos de árvores vizinhas. Isto é, não cabe a um ser humano julgar as ações de alguém ao tentar descobrir se foram ou não motivadas pelo amor. Cabe a cada um cuidar de suas próprias ações e atentar para si. Antes de ser conhecido, o amor deve ser acreditado. Se há uma impossibilidade de julgar os atos alheios como sendo frutos do amor (ou não), este deve ser acreditado antes de ser conhecido. Não que seja esta uma sequência necessária, mas sem o “crer”, o ser humano transcorre a vida na desconfiança e no julgamento. Portanto, não consegue centrar-se no amor.

III. O dever do amor ao próximo

Na investigação sobre o ato de amar, Kierkegaard parte do princípio bíblico, encontrado no evangelho de Mateus (22, 39), no qual lê-se: “Amarás o teu próximo como a ti mesmo.” Está pressuposto nesse mandamento o amor a si. Daí, ele parte para uma antecipação de uma possível crítica ao mandamento cristão, isto é, o pressuposto de um egoísmo contido no princípio. Em suas palavras:

será que alguém poderia interpretar mal o Cristianismo, supondo ser sua intenção ensinar aquilo que a sabedoria mundana, unanimemente - ai, e contudo justamente com discórdia, - ensina, “que o mais próximo de cada um é ele mesmo”; será que alguém poderia compreender isso tão mal, como se o intuito do Cristianismo fosse consagrar o amor de si mesmo? (KIERKEGAARD, 2003, p. 20).

No entanto, o amor a si só é entendido, no panorama cristão, a partir da perspectiva do “próximo”. O cristianismo combate o egoísmo de um amor ensimesmado. Ele pressupõe, sim, o amor a si. O amor-próprio, na medida correta, é sinal de boa saúde. É necessário amar a si para poder amar ao próximo na mesma medida (VALLS, 2000). A questão central aqui é que o amor a si não pode ultrapassar o amor ao próximo e transformar-se em egoísmo.

Não há na passagem bíblica longas discussões a respeito de como se deve amar o outro. Não há teorias exaustivas sobre não ser egoísta e amar mais a si do que o “próximo”. Há apenas uma frase e nela “resolve-se” o problema. O amor aos demais deve ser na mesma medida do amor-próprio. E este deve ser igualmente proporcional ao amor ao outro. Dessa forma, é necessário salientar algumas observações de Kierkegaard. “Amar ao próximo como a ti mesmo” impede: Amar a si acima dos demais; amar aos demais acima de si; amar uma única pessoa acima das outras e não amar algumas pessoas, inclusive os próprios inimigos. Nas palavras do autor:

Tanto o objeto do amor natural quanto o da amizade têm por isso o nome do amor de predileção: “o(a) amado(a)”, “o(a) amigo(a)” que são amados em oposição ao mundo todo. Ao contrário, o ensinamento cristão é de amar o próximo, amar todo o gênero humano, todos os homens, inclusive o inimigo, e não fazer exceção, nem a da predileção e nem a da aversão. (KIERKEGAARD, 2003, p. 22).

O único ser que é colocado acima dos seres humanos no destino do amor é Deus. Por isso, o mandamento o coloca antes do amor-próprio e do amor ao próximo. Kierkegaard aponta que o amor a Deus revela-se na obediência e aceitação plena dos desígnios de dele. Diferente do amor humano, onde obedecer nem sempre é a melhor opção de demonstração de amor. Ocasionalmente é necessário negar o pedido ou ordem de alguém que se ama ao vislumbrar que aquilo que se pede é danoso para o próximo.

É necessário esclarecer quem é o “próximo” a ser amado. Nesse caso, deixemos falar o próprio autor:

A palavra é manifestamente formada a partir de ‘estar próximo’, portanto, o próximo é aquele que está mais próximo de ti do que todos os outros, contudo não no sentido de uma predileção; pois amar aquele que no sentido da predileção está mais próximo de mim do que todos os outros é amor de si próprio – ‘não fazem também o mesmo os pagãos?’ (KIERKEGAARD, 2003, p. 24).

O próximo é aquele que é possível alcançar para amar. Não é no sentido de amizade ou predileção. Mas uma questão de tempo e espaço. “Quem está perto o suficiente para que eu possa amar”? Essa é uma pergunta válida para expressar a identidade do “próximo”. Se uma única pessoa está próxima, é esta quem deve ser amada. Se um grupo de pessoas está próximo, então são eles que devem ser amados. É necessário, como aponta o pensador dinamarquês, que não apenas reconheçamos o próximo, mas também que nos entendamos como o próximo de alguém. Reconhecer o outro a ser amado e reconhecer-se como próximo. Mais do que isso, o “amar ao próximo como a ti mesmo”, ensina ao ser humano amar também a si. Não ama-se aquele que pratica coisas prejudiciais contra si.

É necessário lembrar que no mandamento também está contido o verbo “dever”. Nesse caso, como o amor pode ser um dever? De fácil compreensão, basta ouvir e querer praticar o mandamento do amor. Esta, é uma regra simples. Todavia, apesar do amor sempre existir, quando ele é associado ao “dever” é que surge algo de novo na história humana. Como afirma Paula (2018), o amor em Kierkegaard assume a força de um “imperativo evangélico”, à exemplo da ética kantiana do *imperativo categórico*.

O amor ao próximo, rememorado por Kierkegaard e discutido por Adorno, não é platônico, nem freudiano, nem idealizado, nem ‘natural’. É um amor paradoxal, pois é fruto de um mandamento. O jovem Kierkegaard gostava de brincar com uma máxima de Sócrates, de que devemos amar as mulheres feias. É claro, as feias ‘devemos’, as outras dispensam o dever. Mas o autêntico amor cristão se fundamenta sobre o ‘tu deves amar o teu próximo’. (VALLS, 2000, p. 92).

O dever desliga o amor da paixão imediata, dos desejos instantâneos. O amor, compreendido de modo espontâneo e natural, torna-se um paradoxo quando colocado no panorama do dever:

Que diferença entre aquele jogo de forças do sentimento e do instinto e da inclinação e da paixão, em suma: da imediatidade, aquelas coisas magníficas cantadas pela poesia, em meio a sorrisos e lágrimas, em meio a desejos e saudades, que diferença entre tudo isso e a seriedade da eternidade, do

mandamento, em espírito e verdade, em sinceridade e auto abnegação!" (KIERKEGAARD, 2003, p. 28-29).

O amor, nesse caso, é bem superior, que habita o interior do ser humano. Diferente dos bens exteriores, que podem não mudar o homem³, os bens interiores transformam aqueles que o possuem. Por isso, é impossível ser verdadeiramente cristão e não ser modificado pelo amor e não viver essa nova realidade. Kierkegaard destaca a originalidade do dever do amor no mundo, que é escândalo e loucura para os que não compartilham da mesma fé. Como aponta o pensador dinamarquês, não encontraremos o "dever" do amor no que os poetas e romancistas escrevem, nem mesmo pela prática de nossa própria vontade. Nesse caso, o "dever" é originalmente cristão, que pode parecer uma contradição, mas ele esforça-se em demonstrar que não o é, pois "Só quando amar é um dever, só então o amor está eternamente assegurado contra qualquer mudança; eternamente libertado em bem-aventurada independência; protegido eterna e felizmente contra o desespero." (KIERKEGAARD, 2003, p. 33).

Kierkegaard distingue o amor temporal do amor que é jurado pela eternidade. Duas pessoas que se amam, não podem jurar amor por si, ou pelo próprio amor com que se amam. É necessário jurar por algo maior, isto é, a eternidade. Quando se jura pela eternidade, entra aí o "dever" do amor cristão. Um amor que não está alicerçado pelo eterno pode mudar, sofrer transformações, e se corromper com o tempo. O amor, nesse caso, é instável, pois não sabe o que pode acontecer no futuro.

O que meramente existe, o que não sofreu nenhuma mudança, tem a mudança constantemente fora de si; esta pode constantemente introduzir-se; até no último instante ela pode chegar, e somente quando a vida tiver sido levada a cabo, poderemos dizer: a mudança não veio - ou talvez tenha vindo. O que não sofreu nenhuma mudança tem decerto duração, mas não continuidade" (KIERKEGAARD, 2003, p. 35).

Dessa forma, o amor ao ser jurado pela eternidade, segue um contínuo. Não há transformações nele conforme os adventos da vida. O amor, assim, não necessita de provas ou testes.

³ O termo "homem" é utilizado aqui como sinônimo de ser humano.

Pois as adversidades que podem vir ao longo da vida não o farão possuir mais ou menos intensidade. Elimina-se, dessa forma, a angústia de no futuro o amor vir a acabar ou que o amante ame menos ou mais seu amado. Há aqui a tranquilidade do amor constante que o dever proporciona.

O amante quer por à prova a amada, o amigo quer por à prova o amigo; é claro que este exame tem seu fundamento no amor, mas este prazer de provar, que se inflama febrilmente, este anelo do desejo de ser posto à prova explica, contudo, que inconscientemente o amor está inseguro de si mesmo. (KIERKEGAARD, 2003, p. 37).

O amor que está alicerçado na eternidade, pode, inclusive, transformar-se em ódio. No fundo, afirma Kierkegaard, o ódio é um amor que se modificou, mas que continua a causar sensação no amante. Esse amor sujeito aos ditames temporais é chamado de imediato. O imediato pode mutar-se em diversos outros sentimentos, tais como: sofrimento, ciúme, ódio, tristeza, angústia etc.

O hábito é visto por Kierkegaard como um grande inimigo do amor. É pelo hábito, pela rotina que o amor de muitas pessoas perde o brilho inicial e demonstra-se como amor imediato. Nesse caso, seria válida a indagação se é o hábito que conduz os amores a esses destinos, ou apenas revela que o amor não foi forte o suficiente e alicerçado na eternidade? De toda forma, o costume rotineiro é um inimigo do amor na medida em que o ser humano não percebe estar imerso nele. Nesse caso, ele é mais difícil de ser combatido. Por isso, o amor baseado no dever tem a liberdade e independência. Isso porque ele não depende de qualquer circunstância, objeto ou contingência. Ele só depende da eternidade, que, como de antemão já se sabe, não pode perecer jamais.

Por isso só há uma segurança contra o desespero: submeter-se à transformação da eternidade com o “tu deves” do dever; qualquer um que não tenha passado pela transformação da eternidade está desesperado; felicidade e prosperidade podem enganar a este respeito, porém infelicidade e adversidade podem, não, como ele pensa, torná-lo um desesperado, mas tornar manifesto que ele - já estava desesperado (KIERKEGAARD, 2003, p. 45).

Assim, o amor imediato pode até viver em felicidade e prosperidade. No entanto, essas são duas características que não são intrínsecas, mas apenas contingentes. Pois, a felicidade não possui a segurança da eternidade e pode tornar-se em desespero no instante seguinte.

O dever do amor se realiza na medida em que não escolhemos quem amar, mas simplesmente acatamos o mandamento. No amor imediato ou “poético”, só se ama uma única pessoa. A própria poesia se alimenta do primeiro amor, pois amar a segunda vez já a transmuda e a paixão ardente já não tem mais a intensidade do primeiro amor. Ao contrário disso, o cristianismo caminha em uma direção oposta. Pois o amor cristão é justamente amar a todos que alcançares:

Mas o Cristianismo jamais incorre na falta de mandar uma pessoa andar, nem que seja um único passo, inutilmente; pois quando abrires aquela porta, que tu fechaste para orar a Deus, e saíres, então a primeira pessoa que encontrares é o próximo, que tu deves amar. Que coisa estranha! (KIERKEGAARD, 2003, p. 56).

Nesse caso, o amor cristão vai contra o amor natural ou imediato. Ele não seleciona a quem amar e nem dedica-se a uma única pessoa. Aquele indivíduo que se aproxima é este mesmo o “próximo”. Sua identidade não importa, sua história também não. É ele que deve ser amado. Portanto, para o cristianismo, segundo Kierkegaard, não há mistério algum em saber quem é o “próximo”. Este é todo e qualquer ser humano que aproxima-se o suficiente para tal ato. Nesse ponto, segundo Adorno:

O amante deve amar em cada homem aquilo que é característico desse homem, mas em todo e qualquer homem, sem distinção. Qualquer “predileção” é excluída com um rigorismo que só se pode ser comparado com a ética kantiana do dever. Para Kierkegaard, o amor só é cristão como ruptura com a natureza. (ADORNO, 2010, p. 315).

Adorno aponta que o amor cristão em Kierkegaard termina com a justiça enquanto expiação religiosa de culpa. Amar *crísticamente* significa ignorar o que cada pessoa fez, em específico, na sua vida. Valls (2000) chama a atenção ao conceito em dinamarquês que Kierkegaard recorre e que adorno pouco conhecia, de *christelige*, que significa “crístico” ou “crísticidade”. Com esse termo, Kierkegaard refere-se, então, a essência do cristianismo. Se as pessoas vivem

“cristicamente” ou seu cristianismo é apenas um grande engano. Além disso, o pensador frankfurtiano ressalta o teor dialético do mandamento do amor. Ora, se amar é um dever, então aí já não pode existir amor. É uma contradição em termos, é um absurdo enquanto mandamento e enquanto gesto de amar. Transforma-se, portanto, num “direito abstrato”, num dever universal. Essa é a crítica mais comum ao dever do amor em Kierkegaard: Segundo Freud, isso parece injustiça, pois nem todas as pessoas são dignas de serem amadas e, conforme Christoph Schrempf, não é possível que haja amor sem uma relação de intimidade entre duas pessoas (Apud ADORNO, 2010).

Valls (2000), afirma, nesse ponto, que a crítica de Adorno sobre amar uma pessoa sem rosto, é desconhecimento do mandamento cristão. Assim, o dever é não amar o “alter ego”, um “outro eu”, mas amar um “primeiro tu”. Por isso, o mandamento de amor ao próximo combate o egoísmo ao não estabelecer uma identidade fixa a quem deve ser amado.

Cabe à providência, por exemplo, escolher quem será meu irmão, decidindo se vou ter ou não um irmão de nome Pedro. Mas depois, meditando sobre o Evangelho e sobre o mandamento do amor, cabe a mim amar meu irmão Pedro até mesmo quando ele me trai, me renega, me abandona, e com tudo isto se porta de uma maneira tal que, humanamente falando, eu teria direito de dizer que ele não é mais digno de meu amor” (VALLS, 2000, p. 93).

Portanto, o amor ao próximo não diz respeito a um amor desprendido da realidade. Kierkegaard entende o próximo não como uma idealização, um conceito abstrato que se encontra no mundo das ideias platônico. Pelo contrário, o “próximo” não pode ser idealizável, de modo que o encontramos na realidade de diferentes formas. O “próximo” é contingente, pode ter inúmeras formas, isto é, diferentes qualidades.

Adorno também critica a forma como Kierkegaard interpreta o termo “próximo”, extraído diretamente da bíblia. O conceito de “próximo”, para o filósofo alemão, que está no texto bíblico se refere a pessoas reais, tais como pescadores, viúvas, pastores etc. Assim, o “próximo” não é caracterizado nos livros bíblicos com uma universalidade abstrata e de difícil vivência no mundo físico e cotidiano. O filósofo frankfurtiano sugere que Kierkegaard tenha unido dois conceitos de épocas bem diferentes, que é o “próximo” e o “homem” e priva ambos de seu sentido real.

Outra Crítica endereçada a Kierkegaard trata-se de sua compreensão em relação a uma “igualdade interior” de todas as pessoas. Deste modo, ele desconsidera as desigualdades enraizadas no mundo concreto. Nas palavras de Adorno, “uma doutrina do amor que se pretenda realista é inseparável de uma compreensão da sociedade. Essa permanece vedada a Kierkegaard. Em lugar da crítica da desigualdade da sociedade aparece uma doutrina fictícia, meramente interior, da igualdade” (ADORNO, 2010, p. 324).

O filósofo dinamarquês esclarece o que significa o amor imediato. Nele, está atrelado o tema da sensualidade e do corpo. Mas isso não significa que o cristianismo condene essas duas coisas. Elas só se tornam reprováveis na medida em que alimentam o egoísmo e o amor insuflado de si. Amar o amigo ou uma pessoa é uma predileção que satisfaz, primeiro, aquele que ama. Mas, desse amor qualquer pessoa é capaz sem precisar ser necessariamente cristão. Dessa forma, o pensador dinamarquês distancia-se dos pensadores antigos que também trataram sobre o tema do amor, na seguinte perspectiva:

A ética buscada pelos gregos (quer seja em Sócrates, Platão ou Aristóteles) consiste na busca da felicidade (*eudaimonia*). Desse modo, a definição daquilo que os gregos almejavam como seu ideal ético, modela também o seu conceito de amor. Para eles, amar é buscar sempre a sua felicidade e a sua realização. Existe um *télos* ou um objetivo a ser alcançado. (PAULA, 2018, p. 156).

Kierkegaard parte, então, para uma comprovação de que o amor natural é egoístico, pois é um amor de predileção. O outro amado, nesse caso, é um segundo “eu”. Outro elemento importante a ser observado é que o amor imediato surge espontaneamente e satisfaz o ego, enquanto o amor ao próximo é baseado no dever e, portanto, deve ser cultivado. Assim, “o amor espiritual”, ao contrário, afasta de minha identidade toda determinação natural e todo amor egoístico, por isso o amor ao próximo não pode me tornar um com o próximo numa identidade unificada” (KIERKEGAARD, 2003, p. 60). Diferente da outra forma, onde é possível que o amor seja um reconhecimento de um outro “eu” na pessoa amada.

Como o próprio Kierkegaard define, o “próximo” não é uma determinação anímica, física ou sensual. Pois isso exige que seja uma pessoa em específico. Ao contrário, o “próximo” é uma determinação espiritual. Ele não possui rosto, a priori. Amar algumas pessoas selecionadas não

é amor cristão, uma vez que “[...] o eu e a paixão do amor erótico não podem mais ser considerados os pontos principais” (PAULA, 2018, p. 165). Pois como já disse o pensador dinamarquês, amar o amigo ou a esposa (o) (etc.) é amar o que nos agrada no outro.

Curiosamente, Adorno não se escandaliza, e até se encanta, com a consideração Kierkegaardiana de que é no amor aos mortos que exercitamos a forma de amor mais gratuita. [...] Além de ser um ato de amor gratuito, e portanto desinteressado, o amor aos mortos, ligado à esperança, é ao mesmo tempo uma atividade crítica enquanto denúncia contra um mundo que só conhece a seriedade do equivalente”. (VALLS, 2000, p. 100).

Desta forma, a ideia do “amor ao morto” é a forma mais desprendida do amor. Sabe-se, nesta atitude, que nada será recebido de volta. É esse amor desprezioso, que não ama por aquilo que pode obter para si, mas ama gratuitamente, que Kierkegaard alicerça sua teoria sobre o amor. Em nossa reta final, caberia ainda uma questão que deixaremos em aberto para futuras investigações: o que fazer quando é impossível amar o que se apresenta em nossa frente?

IV. Considerações finais

Kierkegaard parte de um duplo ponto em específico em sua investigação a respeito de uma teoria sobre o amor. Refere-se ao amor estético ou erótico, compreendido como carência, falta de uma parte do “ego”, que está presente no pensamento de Sócrates e Platão. Concomitantemente a essa teoria, o filósofo dinamarquês revive o amor enquanto mandamento cristão e pretende resgatar seu real sentido. Apresenta, então, o dever de “amar ao próximo como a ti mesmo” como uma superação do amor estético, que pressupõe a predileção e a satisfação do “eu” em primeira instância. Coloca, portanto, este importante conceito no panorama do dever, à guisa de um imperativo categórico de Kant. Define o amor enquanto dever que precisa ser exercitado sobre todo e qualquer ser humano. O “próximo” a ser amado, por conseguinte, é qualquer pessoa que se apresenta perto suficiente para ser amada.

Ainda que muitas críticas sejam endereçadas a este pensador, como as de Adorno, que apresentamos ao longo do texto, o pensamento de Kierkegaard merece ser resgatado. Isso porque ele pode ser interpretado como uma ética que visa a responsabilidade entre os seres humanos e a cooperação e preocupação com o outro, ainda que suas ideias não alcancem o plano das instituições, mas se conformem com a ação individual.

Referências

- ADORNO, Theodor. Anexo I. In: *Kierkegaard*. Trad. de Álvaro Valls. São Paulo: Editora Unesp, 2010.
- COSTA, Marcos Roberto Nunes. O Uno e o Múltiplo na Cosmologia de Plotino. *Revista Symposium*, Recife, ano 3, p. 12-24. Edição especial. Acesso em 15 de Abr. de 2019. Disponível em: < http://www.unicap.br/Arte/ler.php?art_cod=1444>.
- KIERKEGAARD, Søren. *As obras do amor*. Tradução de Alvaro L. M. Valls. Vozes: Petrópolis, 2003.
- PAULA, Márcio Gimenez. O amor em Kierkegaard: do amor erótico ao amor ao próximo. *Rapsódia*, (4), 155-171, 2018. Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/rapsodia/article/view/152666>. Acesso em 2 de Jan. de 2021.
- VALLS, Álvaro Luiz Montenegro. O amor ao próximo, especificamente cristão. Sua exposição nas “Obras do amor” e sua crítica por Adorno. In: *Entre Sócrates e Cristo: ensaios sobre a ironia e o amor em Kierkegaard*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2000.

Recebido em: 04/3/2021
Aprovado em: 01/7/2021

Daiane Rodrigues Costa

Graduada em Filosofia (UPF), mestre em educação (UPF) e doutoranda em filosofia (UNISINOS).
Bolsista Capes – modalidade II.